

de dezembro, 1853.

MARCÍLIO, Maria Luiza. A cidade de São Paulo: Povoamento e População, 1750-1850, São Paulo, Pioneira Editora da Universidade de São Paulo, 1977.

\_\_\_\_\_. (org.) População e Sociedade: Evolução das Sociedades Pré-Indústriais, Petrópolis, Vozes, 1984

\_\_\_\_\_. Demografia Histórica, São Paulo, Pioneira Editora da Universidade de São Paulo, 1977.

PRADO JÚNIOR, Caio. A Formação Econômica do Brasil, 31 ed., São Paulo, Brasiliense, 1989.

Paulo Fernando Diel, Mestrando em História da Evangelização na América Latina na Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.  
Av. Santa Marina, 534 Bairro Água Branca  
05036-000 São Paulo - SP

## NOTAS E COMENTÁRIOS

### Evangelização e Cultura

*Conferência Nacional dos Bispos do Brasil PRESIDÊNCIA E CEP  
(VI) - Reunião 29ª Brasília - DF, 17 a 19 de maio de 1994*

O objetivo destas páginas é refletir sobre a ação evangelizadora e pastoral da Igreja a partir das exigências das diversas culturas.

É uma contribuição do setor "Cultural", da CEP, para se chegar a uma visão de globalidade das relações entre Evangelho e Cultura e promover um consenso quanto à ação pastoral em todos os setores.

Por isso, procederemos explicitando o conceito de **cultura** que adotamos e analisando as tensões e mudanças da sociedade brasileira neste momento histórico, em suas repercussões sobre as culturas. A seguir, procuraremos apontar as principais consequências pastorais e os questionamentos mais urgentes que as mudanças culturais levantam para a Igreja no Brasil.

#### 1. O CONCEITO DE CULTURA

O Caráter integral da tarefa evangelizadora - que quer iluminar, ou fermentar tudo o que é humano (cf. Mt 5, 13-14) - exige também um conceito integral de **cultura**. Devemos evitar conceitos parciais (como se a cultura fosse um setor da realidade social) ou reducionistas (cultura como valor) ou elitistas (cultura como propriedade dos intelectuais).

"Cultura" indica, basicamente, a diferença específica de um grupo social ou de um povo. É uma dimensão da realidade social, que caracteriza tudo o que é humano: a maneira de tornar o mundo habitável, de estruturar as relações sociais, de conceber a realidade e seu sentido. No nosso planeta, ao longo dos séculos, grupos huma-

nos elaboraram **culturas diferentes**, cada um com identidade própria.

As relações entre as culturas (e as sociedades que elas constituem) não é necessariamente pacífica. O encontro entre culturas pode gerar conflitos, seguidos de destruição, dominação, submissão, compromissos, misturas ou mestiçagens.

Admitimos, em princípio, que toda cultura tem direito à existência e à preservação de sua identidade. Mas as relações entre as culturas não podem reduzir-se ao isolamento e à simples coexistência. Um princípio maior de solidariedade exige que todos os grupos humanos ou povos, com suas diferentes culturas, contribuam para a manutenção da paz, o respeito dos direitos humanos fundamentais e para formas de intercâmbio baseadas - tanto quanto possível - na reciprocidade.

## 2. A CULTURA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

As culturas são uma realidade dinâmica, que muda ao longo de sua história.

É convicção generalizada que, na atualidade, as mudanças culturais se aceleram (cf. DSD 23, citando João Paulo II: "hoje em dia

estamos diante de uma crise cultural de proporções inimagináveis" [DI 21]).

A nova situação cultural, que atingiu em medida diversa quase todos os Países e quase todas as regiões do Brasil, é caracterizada por uma crescente autonomia do sistema produtivo e de setores decisivos para o desenvolvimento da sociedade (ciência e técnica, economia, política). Estes tendem a desvencilhar-se das relações com a ética e a religião e, mais amplamente, com o "mundo vital" das pessoas, que nele elaboram o sentido de sua vida e as normas de conduta através da comunicação intersubjetiva e da cultura.

Uma racionalidade limitada, técnico-científica, e critérios econômicos tendem a transformar os bens culturais em mercadoria. A elaboração e a difusão da cultura é confiada, em medida crescente, aos meios de comunicação de massa. O resultado é uma situação notavelmente complexa e muito diferente das culturas "tradicionalistas".

Numa primeira abordagem, podemos distinguir na cultura contemporânea brasileira **quatro faixas** (como faz Alfredo BOSI; cf. sua "Dialética da Colonização", 1992; "Estudos da CNBB, 58: Para onde vai a cultura brasileira?"). Uma primeira faixa é a da

**cultura erudita**, concentrada principalmente nas Universidades. Ela é regida pelos padrões do saber científico e sustentada pelo Estado e mesmo por interesses particulares, através de um amplo (e hoje combalido) sistema educacional. Quase no extremo oposto se situa a **cultura popular**, geralmente de código oral, feita de tradições profundamente enraizadas no passado e no interior do País, hoje ameaçada pela cultura de massa, embora capaz de resistência. (Acréscimo-se que, no Brasil, a cultura popular e heterogênea ou plural, pois nela confluem grupos étnicos diferentes e suas tradições: indígenas, caboclos, negros...). Ela é vista, às vezes, apenas como **objeto** por parte da cultura erudita. Mas não faltam grandes escritores e artistas que produziram as maiores obras de arte a partir da cultura do povo. Os artistas - ou a "cultura criadora individualizada" - constitui a **terceira faixa**. A **quarta faixa**, aparentemente sempre mais poderosa, é da **indústria cultural** ou "cultura de massa". Valendo-se dos meios de comunicação social, particularmente da televisão, ela divulga objetos e padrões culturais tirados das outras faixas e da produção estrangeira, selecionando-os segundo critérios predominantemente comerciais.

Esta distinção das "faixas" foi aqui citada para mostrar a pluralidade e as tensões internas da cultura brasileira atual.

## 3. PLURALISMO CULTURAL E OPÇÕES INDIVIDUAIS

No contexto diversificado e conflitivo que acabamos de evocar abrem-se para o indivíduo várias possibilidades de opção, embora o mais das vezes seu comportamento seja determinado pelo grupo social a que pertence. Podem ser apontados quatro tipos principais de conduta:

3.1. Há pessoas que buscam sua identidade na cultura de origem frequentemente contribuem para reavivar tradições que pareciam próximas do esquecimento, e recriam solidariedades ligadas à etnia ou ao lugar de nascimento. Aceitam ou procuram estreitos laços comunitários.

3.2. No contexto mais moderno, predomina o comportamento individualista. Ele tende a subestimar a importância da tradição e da comunidade. Valoriza a experiência pessoal subjetiva. Incentiva a procura do novo, do diferente. Nos indivíduos mais dotados, leva a opções diferenciadas nos campos da ciência, da profissão, do lazer, da religião.

3.3. Nos meios populares, nas periferias das grandes cidades, é frequente o caso dos indivíduos e grupos de origem rural, que procuram conciliar criativamente elementos da sua cultura de origem com outros modernos, que a cultura de massa lhes oferece.

3.4. Enfim, não são raros os casos em que o indivíduo parece desenraizado, arrastado pelos impulsos e atrações do momento, sem identidade cultural definida, tal é a fragmentação de sua experiência de vida e de suas relações sociais. Estas condutas culturais se expressam também no plano religioso, onde se torna muito frequente o "trânsito" do indivíduo de uma religião a outra.

#### 4. DEGRADAÇÃO DA SOCIEDADE E CRISE ÉTICA

O individualismo extremo e a fragmentação do comportamento são sinais que o próprio tecido da sociedade está desgastado e que as velhas solidariedades - seja no mundo rural, seja na cidade - estão enfraquecidas pelas transformações econômicas e políticas. A sociedade atual não tem mais uma clara hierarquia de valores, o que gera uma profunda crise ética e das instituições (família, escola, Estado...). Em certas áreas - mais

clamorosamente nas grandes metrópolis - um poder paralelo ao do Estado se instala pela violência. Os serviços públicos atendem sempre menos satisfatoriamente à população, que é excluída - também dos benefícios da economia moderna e legal, e sobrevive pela economia informal, muitas vezes à margem da lei. Mecanismos de morte ameaçam as populações e suas culturas, provocando novos e perversos mecanismos de defesa (como o linchamento, a reintrodução da pena de morte, o "salve-se quem puder"...). De outro lado, torna-se mais aguda a busca de uma nova ética, a consciência da necessidade de reconstruir a sociedade (cf. CNBB, Doc 50: "Ética: pessoa e sociedade").

#### 5. CULTURA E RELIGIÃO

A religião constitui o eixo central das culturas tradicionais. As sociedades modernas parecem marcadas por um dualismo: de um lado, o sistema produtivo (com seus mecanismos técnicos, econômicos e políticos) se desvincula da religião e da ética (fenômeno que pode ser designado como secularização). De outro lado, a religião conserva uma relevância muito grande na vida particular das pessoas ("privatização" da religião).

Contrariamente às previsões de positivistas e marxistas, a religião não desapareceu. Não só ela se manifesta, em formas diversas, na vida privada, mas também como instituição (no Brasil, em particular, enquanto Igreja Católica) se mostra relativamente mais forte do que outras instituições e goza de credibilidade junto à opinião pública. Não há um claro consenso sobre a explicação desse fato. A relevância social da Igreja está ligada à necessidade da religião como dimensão estrutural da sociedade, necessidade hoje acentuada pelo vazio de transcendência trazido pela secularização. Assim a Igreja assume funções como a de dar sentido e esperança à vida humana, num contexto gerador de incerteza, e a de suprir as deficiências das instituições públicas nos serviços prestados à população. De outro lado, pesa a qualidade efetiva do desempenho destas funções pela Igreja e seu compromisso com a promoção das potencialidades do povo, como protagonista de seu próprio desenvolvimento.

#### 6. EVANGELIZAÇÃO E PROCESSO DE INCULTURAÇÃO

"Toda evangelização há de ser inculturação do Evangelho" (SD, 13)

Para que o Evangelho seja Boa

Notícia é preciso que chegue aos destinatários e seja compreendido por eles. Os destinatários não são seres isolados, mas vivem ligados por diversos laços (sociais, políticos, econômicos, religiosos) e dão um sentido ao seu fazer e viver.

Evangelizar é "chegar a atingir e como que a modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida" (EN, 20). Evangelização é, pois "evangelização da cultura, ou mais exatamente das culturas" (EN, 20). A aceleração das mudanças culturais torna hoje esta tarefa ainda mais desafiadora.

Entre o Evangelho e cultura não há conflito estrutural porque o mesmo Deus, que ama ao mundo criando-o e que manda cultivar a terra, quis manifestar o seu amor pela humanidade através da Encarnação do seu Filho.

O processo de inculturação, à semelhança da Encarnação do Verbo, é demorado, porque trata de penetrar no coração de uma cultura, no seu núcleo gerador, e não apenas de "traduzir" uma mensagem de uma língua para outra.

Essa tarefa requer uma mística cujas fontes são os Mistérios do Natal, a Páscoa e Pentecostes: está centrada no seguimento de Jesus, é vivida em comunidades de convertidos, renova o espírito

missionário que busca uma presença solidária, profética e comprometida com a opção preferencial pelos pobres. O evangelizador é chamado a descobrir afinidades e complementariedades entre o Evangelho e a cultura, mas também a deixar-se questionar, a reconhecer novas expressões da mensagem e da vida cristã, a respeitar os valores da cultura da qual se aproxima. Além disso, o evangelizador propõe e testemunha o evangelho, mas não o impõe; interpela a liberdade do outro, para que reconheça o apelo de Deus.

A inculturação do Evangelho ou "evangelização inculturada" exige:

- . aproximação radical (até as raízes), crítica e criadora de esperança;

- . deslocamento eclesial (sair e ir ao encontro);

- . transformação profunda das estruturas eclesiais e criação de outras novas;

- . revisão dos esquemas culturais (linguagem, símbolos, modelos teológicos, etc).

Exige também:

- . que esta Evangelização Inculturada seja o preferencial fundamental de toda a Ação Pastoral, e, por tanto, assumido por todas as suas dimensões;

- . que se renovem as estruturas atuais ou se criem novas estruturas apropriadas para esse tipo de trabalho;

- . que haja liberação de pessoas e de recursos para essas tarefas;

- . que seja renovado o espírito missionário e formado nessa mística de disponibilidade, presença, solidariedade, testemunho e serviço no coração das culturas;

- . que a catequese seja uma resposta inculturada aos problemas, anseios, alegrias e esperanças, à luz da fé;

- . que a liturgia una a fé e a vida, conhecendo e usando as linguagens, símbolos, usos e costumes de cada cultura. "Os diversos grupos culturais não de poder viver e expressar a fé cristã em seus símbolos e categorias próprias" (Doc. de Trab., para Santo Domingo nº 481).

## 7. CRITÉRIOS PASTORAIS

As atuais mudanças culturais exigem uma nova renovação profunda da ação pastoral. Continuam plenamente válidas, neste sentido, as "Diretrizes Gerais da Ação Pastoral" traçadas pela Assembleia do Episcopado brasileiro para o período de 1991-1994. Ressaltamos:

### 7.1. Diversificação das formas de expressão eclesial:

Diante do pluralismo cultural e da diferenciação da sociedade bra-

sileira, a ação pastoral deve procurar sua diversificação criando estruturas e ações adequadas às diferentes situações. De um lado, o processo de diversificação das estruturas pastorais está já avançado quanto à multiplicação de pequenas comunidades. Elas vêm não só superando a uniformidade pastoral como vêm manifestando critérios que podem ajudar a missão da Igreja: Consciência de corresponsabilidade eclesial, espírito comunitário emissor, sensibilidade à realidade, diversificação dos serviços. Além disso, é preciso ampliar a descentralização da paróquia e criar novas estruturas para atingir a realidade urbana, a partir de seus interesses globais, não ligados ao território paroquial.

De outro lado, é urgente não apenas descentralizar as estruturas mas buscar novas expressões culturais - em toda a vida eclesial - seja em relação às culturas populares mais enraizadas na tradição, seja em relação à cultura urbana e aos novos apelos emergentes das mudanças.

### 7.2. Articulação - comunicação

Não basta termos uma pastoral diversificada. A perspectiva de uma pastoral unificada é condição para superarmos a fragmentação da ação evangelizadora.

"A ação pastoral planejada é a resposta específica, consciente e intencional às exigências da evangelização. Deverá realizar-se num processo de participação em todos os níveis da comunidade e pessoas interessadas..." (Puebla, nº 1307), num processo de comunicação entre pessoas e grupos.

As Diretrizes da Ação Pastoral da Igreja no Brasil (1991-94) apontam os seguintes princípios para orientar o processo de articulação (cf. nº 289):

a. **diversidade-complementariedade:** diversidade de ministérios;

b. **autonomia:** todos têm o direito de cultivar a própria identidade;

c. **subsidiariedade:** definição de atribuições - descentralização;

d. **participação responsável:** deve envolver o maior número possível de interessados.

### 7.3. Mística de Comunhão

A diversificação das expressões eclesiais numa ação planejada não acontecerá sem uma mística de comunhão eclesial. Novos hábitos culturais surgem a partir do trabalho em conjunto. Uma vida eclesial comunitária e participativa forma os cristãos para a corresponsabilidade, para a missão e contribui para a cultura da solidariedade. Na tradição da Igreja a

verdadeira comunhão se faz pela capacidade de manter a unidade da diversidade. "Somos muitos mas formamos um só corpo... (cf. 1 Cor 12).

#### 7.4. Formação

A sede de formação perpassa todos os segmentos eclesiais. Há busca de novos referenciais nos cristãos para melhor se colocarem diante das mudanças aceleradas, diante da crise de valores, exigindo novos padrões culturais. Percebe-se que a cultura é uma dimensão fundamental da vida humana. Procura-se uma catequese inculturada, uma liturgia em sintonia com os símbolos e demais expressões culturais do nosso povo, uma teologia que ajude a iluminar o diálogo entre o Evangelho e os valores emergentes. Para alcançar estes objetivos, é particularmente necessário - neste momento - cuidar do estudo e da reflexão de forma sistemática. A formação permanente dos presbíteros e religiosos, a formação dos cristãos leigos vêm relacionando vida e fé consequentemente levando a mudanças culturais através de uma pedagogia participativa.

## 8. URGÊNCIAS E PRIORIDADES

Considerando estes pressupostos, julgamos oportuno enfatizar

algumas áreas de atuação cultural que, por sua abrangência e urgência, merecem atenção especial da Igreja Católica, a curto e longo prazos.

A cultura gestada pela Modernidade privilegiou o processo de racionalização ocidental com seus atributos de secularização, valorização do progresso, aposta na ciência e na técnica como instrumentos para a solução de todos os problemas. E o caminho seria a modernização calcada no desenvolvimento capitalista, com suas características de industrialização e urbanização. A organização política seria moldada pela democracia representativa institucionalizada. A administração seria feita pela burocracia; a educação formaria os homens adequados; a religião ajudaria a manter a ordem social; os meios de comunicação social difundiriam os valores convenientes à sua manutenção.

A modernidade chegou para poucos no 3º mundo; a ciência e a técnica tiveram enormes avanços, mas basicamente para aumentar a produção e a riqueza nas mãos de minorias; o tipo de desenvolvimento seguido criou desigualdades sociais e desequilíbrios regionais; a democracia política não se fez acompanhar da democracia social e econômica, a crise do Estado se ampliou. Alguns efeitos perversos

são conhecidos: crescimento da miséria absoluta e relativa; ampliação do crime organizado; violência potencializada ameaçando romper um tecido social já desgastado; apatia, anomia e desencanto com a política; individualismo exacerbado.

Que valores, idéias símbolos, ideologias estão prevalecendo? Qual a cultura dominante? Como as pessoas dos vários setores sociais estão interpretando e significando esta situação? Qual o lugar da cultura de resistência, da cultura crítica, da cultura utópica?

Os leigos encontram aqui amplo campo de atuação própria, exercendo o "protagonismo" que Santo Domingo deseja.

### 8.1. Violência

Por sua atualidade e consequências negativas que atingem a toda sociedade brasileira (mortes, medo, insegurança, impunidade, desrespeito à vida etc.) este tema requer gestos concretos, imediatos, de todos e, em particular, das Igrejas. A violência é tão brutal e crescente que leva muitos cristãos a se defenderem com violência - verbal e física-, a lutarem pela pena de morte, a criticarem e se enfurecerem contra os que defendem os direitos humanos.

Onde está a cultura do "jeitinho", do brasileiro como "homem

cordial"? O que fez e faz aumentar a cultura da violência?

#### Sugestões:

A mensagem da dignidade da pessoa humana, da reconciliação deve iluminar essa realidade:

a. a **curto prazo**: um programa ativo de denúncia das causas e de ações concretas para reduzir a violência (miséria, fome, desemprego etc.) e conjuntural (chacinas, gangues, grupos de extermínio etc.); uma campanha organizada envolvendo Igrejas e outros setores da sociedade civil, judiciário, promotorias, áreas de segurança, com atos nas paróquias, caminhadas cívicas, grupos de pressão nos municípios, estados, Brasília etc.;

b. a **médio prazo**: pesquisar as causas da violência, envolver o sistema escolar na fecundação da cultura da paz, solidariedade, respeito ao outro; atuar nos meios de comunicação social.

### 8.2. Democracia

Em todo o mundo há um anseio por mais democracia. Mas os problemas de relação Estado e Sociedade Civil, governabilidade, representação partidária, nacionalismos atingem todos os países. No Brasil, historicamente predominou a cultura autoritária. A democracia tem sido retórica, substituída pela prática do clientelismo, pa-

trimonialismo, paternalismo, populismo, planos impostos de cima, pactos de elites, gerando a despolitização do povo, a descrença nos políticos e nas instituições. A partir dos anos 70 os movimentos sociais e populares trouxeram uma "nova cultura política", cujos traços principais são o poder local, a autonomia, a participação. E surgem novos sujeitos políticos em todas as classes, sendo de se destacar os sujeitos populares, inclusive dentro da Igreja Católica.

Num ano de revisão constitucional e de eleições polarizadas em 94, com alguns sinais de retrocesso, a questão da democracia torna-se central.

#### *Sugestões:*

Em sua presença na sociedade, nas últimas décadas, a Igreja teve presença destacada em prol da democratização. Cabe-lhe continuar apoiando a difusão da **cultura democrática** em todas as esferas sociais, fortalecer a sociedade civil, concretizar a opção pelos pobres, prestigiando os sujeitos sociais populares, valorizando a publicação do Estado, ampliando a **educação democrática** em todas as atividades católicas. Cartilhas e cursos são meios a valorizar.

Internamente, a Igreja também deve ampliar os espaços da participação. Em que pese o fato das mudanças pós-conciliares, com conquistas democratizadoras in-

gáveis (atuação das Conferências Nacionais de Bispos, Assembléias do Povo de Deus e Diocesanas, presença do laicato na instituição), há muito por rever e mudar no poder religioso e nas estruturas eclesiais, naquilo que - em outras épocas - assumiram de modelos autoritários.

Hoje, num contexto democrático a Igreja é chamada a dar testemunho de participação e de um novo estilo de autoridade (cf. Puebla 273).

Não há oposição entre a estrutura hierárquica própria da Igreja e formas mais democráticas de exercício do poder.

### *8.3. Desenvolvimento*

A superação da crise exige novos conceitos e práticas de desenvolvimento que se entende histórico, macroestrutural, integral. Organismos internacionais e governos têm defendido o que se denomina de "desenvolvimento humano" e "desenvolvimento sustentável". A estratégia dominante porém favorece os países ricos e marginaliza os países pobres. Há saídas para o 3º e 4º mundos? Quais as reformas básicas?

Nos embates internacionais, amplia-se a onda neoliberal e conservadora; o remédio é a privatização; as soluções são tecnoburocráticas.

A cultura desenvolvimentista ocidental põe-se como panacéia. Outros, contudo, em nome do pluralismo e da diversidade cultural, questionam esse modelo de desenvolvimento e sustentam que cada povo deve encontrar a sua vida e sentido para um desenvolvimento autônomo, ecológico, igualitário, que elimine a urbanização caótica.

Surgem projetos alternativos baseados nas culturas locais, étnicas. Defende-se o uso de formas variadas de propriedade (comunitárias, autogestionárias etc.). Busca-se compatibilizar mercado livre e Planejamento centralizado. Rediscutem-se os projetos globais da sociedade: capitalismo neo-liberal? social democracia? socialismo democrático?

#### *Sugestões:*

O Papa Paulo VI afirmou que "o desenvolvimento era o novo nome da paz". Hoje diríamos que ele é o nome da Nova Ordem Mundial. Feito com justiça, equidade, ética na política e na elaboração e execução do planejamento. A Igreja pode favorecer o diálogo entre o Norte e o Sul a nível mundial e ajudar a superar as barreiras entre o Norte e o Sul a nível nacional para evitar a ruína do separatismo ameaçante. Estimular os projetos alternativos no que indicam de novo e positivo. Dinamizar os sujeitos e valores

emergentes para a construção da nova sociedade. Ponderar a responsabilidade dos católicos (elites e membros das classes médias) que implementam o desenvolvimento injusto e desigual, e remover os macros doutrinários, também presentes no meio católico, que legitimaram o modelo dominante na pregação e nas escolas. Divulgar as contribuições da doutrina social da Igreja que julgam os erros do capitalismo e do socialismo, e sugerem pistas inovadoras. Em tudo isso, a Igreja reforça a concepção "integral" do desenvolvimento e sua dimensão cultural, para além dos modelos economicistas.

### *8.4. Ciência e Técnica*

Constata-se que tem havido uma fragmentação do saber nas universidades e centros de pesquisas, o surgimento dos "especialistas", o endeusamento da ciência que impede o acesso às religiões. Certos setores buscam saídas no holismo e na multidisciplinaridade. Os setores populares, no geral, ironizam os intelectuais por sua abstração.

Por um lado, são expressivos os avanços na informática, química fina, biotecnologia e genética, robótica, trazendo profundos problemas éticos. As mudanças na divisão social do trabalho alteram

as qualificações profissionais, geram desemprego, redefinem o significado do trabalho. Por outro lado, as mudanças aceleradas em todos os campos engendraram uma crise dos paradigmas e modelos teóricos, e apontaram limites da ciência e da tecnologia. A cultura racional moderna é atacada por todos os lados e, apesar de suas ambiguidades, difunde-se uma cultura chamada pós-moderna.

Os cientistas, técnicos, profissionais não encontram muito espaço na Igreja-instituição, ressentem-se da desconfiança eclesial com a liberdade de pensamento, criticam-na por ser em geral dogmática e anti-científica e desconfia da modernidade.

#### *Sugestões:*

Repensar o diálogo institucionalizado da teologia com as ciências, as técnicas e as artes (nas universidades e outros círculos de pesquisa e reflexão). Recuperar a **teologia da criação**. Divulgar experiências de espiritualidade que respondam às inquietações de intelectuais e profissionais. Rever a formação dos intelectuais e profissionais na linha de considerar a competência como serviço ao desenvolvimento em benefício de todos. Ampliar os espaços de reflexão cristã (cursos, encontros, revistas etc.) sobre os novos desafios éticos e culturais postos pela ciência e técnica.

### 8.5. *Educação e meios de comunicação*

Como o documento final de Santo Domingo enfatizou no seu capítulo sobre cultura, educação e meios de comunicação social merecem especial atenção por parte da Igreja. Já aludimos a estes dois campos na análise dos temas anteriores, pois na luta contra a violência, pela democracia e o desenvolvimento, educação e comunicação social têm um papel decisivo.

Mas sobre estes temas a CNBB se pronunciou recentemente e não pareceu necessário acrescentar aqui outras considerações, já que o objetivo não era descrever todo o campo da cultura, mas apontar algumas urgências.

## RESENHAS

### A IGREJA DO BRASIL: DE JOÃO XXIII A JOÃO PAULO II, DE MEDELLIN A SANTO DOMINGO.

*São 342 páginas sobre a história recente da Igreja no Brasil escritas pelo Padre José Oscar Beozzo e lançadas pela Editora Vozes em 1994.*

O próprio autor, ao apresentar o seu livro, explica que a obra cobre desde o início do pontificado de João XXIII (1958-1963) até 1993. Ele examina, em primeiro lugar, os passos do Concílio aberto pelo Papa João XXIII e sua repercussão na Igreja no Brasil. Em seguida, a análise se detém na caminhada da Igreja no Brasil e latino americana, passando por Medellín, Puebla e culminando em Santo Domingo. O autor acentua também as relações entre a Sé Apostólica e a Igreja no Brasil pontuando as tensões e o diálogo nos últimos vinte e cinco anos. Finalmente, faz um interessante estudo sobre a inculturação, evangelização e libertação na Conferência de Santo Domingo.

*JUNG MO SUNG, Teologia e Economia: repensando a Teologia da Libertação e utopias, Petrópolis, Vozes, 1994, 271p.*

A obra do Dr. Jung Mo Sung faz uma reflexão epistemológica sobre o papel da Teologia na moderna sociedade burguesa. Ela não discute conteúdos teológicos, como Deus, graça ou Igreja, mas analisa o paradigma proposto, o problema do método, a compreensão da Teologia como hermenêutica e as relações da Teologia com as Ciências do Social numa sociedade que se mostra como *secularizada*, porém profundamente religiosa, idolátrica e sacrificialista. A principal contribuição da obra para a comunidade teológica, em particular a da teologia da libertação, consiste em detectar e desvendar a *anomalia* que está ocorrendo na teologia da libertação. A análise criteriosa do autor colabora para o aprimoramento do fazer teológico em bases latino-americanas, trazendo a teologia da libertação para mais perto da vida concreta do povo sofrido.